
A dimensão ativista no universo da moda: aparência como luta e resistência nas marcas Goya Lopes, Katuka Africanidades e Meninos Rei¹

Maria Nazareth Bis PIROLA²
Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Renata Pitombo CIDREIRA³
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA

RESUMO

Objetiva discutir a dimensão ativista na moda afro-brasileira, tendo a aparência como mecanismo de luta e resistência. Traz iniciativas de três marcas - Goya Lopes, Katuka Africanidades e Meninos Rei. Contempla pesquisa de observação em desfiles de moda; visitas a lojas; e conversas com estilistas. Conta com apoio de anotações, filmagens, fotografias, tecidos, roupas e adereços; e coletas nas redes sociais das marcas. Mobiliza referenciais da comunicação, moda, cultura e identidade. As reflexões apontam que a composição da aparência se constitui em vetor expressivo, ativista e político dos sujeitos, garantindo estratégias não apenas de sobrevivência, mas de existência plena.

PALAVRAS-CHAVE: aparência; ativismo; identidade; moda afro-brasileira

Introdução

Num cenário em que a moda passa a pautar temas tão caros à sociedade, como antirracismo, diversidade, inclusão, decolonialidade, sustentabilidade, este artigo tem por objetivo discutir a dimensão ativista no universo da moda afro-brasileira, tendo a aparência como mecanismo de luta e resistência. Em *Moda e História*, Lody (2015) afirma que as noções de beleza e de estética estão intimamente relacionadas aos conceitos de pertencimento, e que “certamente está no corpo o melhor espaço de realização e de comunicação desse amplo e rico conjunto de manifestações de povos africanos” (Lody, 2015, p.21). Nesse sentido, esperamos contribuir com algumas reflexões que possam vir a se somar a tantas outras de igual interesse. Para as discussões, trazemos iniciativas de três marcas de Salvador - Goya Lopes, Katuka Africanidades e Meninos Rei -, a partir de pesquisas realizadas entre maio e dezembro/2023. Os procedimentos metodológicos contemplam pesquisa de observação

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Pós-Doutoranda no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (UFBA-BA); Publicitária, Mestre e Doutora em Educação (UFES-ES). Email: n.pirola@uol.com.br

³ Professora Titular do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB); Jornalista, Mestre e Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA); Coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura (CNPq). E-mail: pitomboc@yahoo.com.br

em desfiles de moda; visitas a lojas; conversas com estilistas; participação em fóruns de discussão sobre moda e identidade afro-brasileira; pesquisa bibliográfica; e netnografia. Os instrumentos de coleta são oriundos de anotações, filmagens, fotografias, tecidos, roupas e adereços; e de informações obtidas através de perfis de redes sociais e sites das marcas.

A constituição da aparência e ativismo na moda

Estamos acostumados a ouvir, na grande maioria das reflexões sobre moda, o quanto o setor tem uma característica de segmentação das classes sociais, etárias, de gênero e até mesmo de estilos de vida. Os estudos clássicos sobre a moda focalizam prioritariamente a dimensão distintiva presente no âmbito vestimentar e, conseqüentemente, sua perspectiva de exclusão de boa parte dos indivíduos. Autores como Tarde (1993) e Bourdieu (2007) privilegiam a abordagem distintiva quando se referem ao campo da moda. Ainda que possamos reconhecer que o conceito de imitação é a grande chave da obra tardiana, sabemos que este mesmo conceito evoca a novidade e a distinção enquanto valores sociais partilhados. Bourdieu (2007), por sua vez, dedica atenção especial à própria noção de distinção. Suas reflexões sobre a disposição estética, a partir da dinâmica dialógica entre distinção e pretensão, se constituem enquanto um sedimento frutífero para o entendimento preliminar das relações de poder que se efetivam a partir das práticas vestimentares e de como estas mobilizam as relações entre classes sociais, particularmente tendo em vista os estilos de vida.

Já em Simmel (2006) encontramos uma alternativa bastante potente para correlacionar os aspectos excludente e inclusivo do âmbito da aparência. Toda a sua formulação está assentada numa perspectiva dialógica que procura compreender os anseios aparentemente paradoxais do ser humano. Em questões fundamentais da sociologia (2006), o autor analisa o significado sociológico da semelhança e da diferença entre os indivíduos. Em *La Tragedie de la Culture*, Simmel (1988) se utiliza de uma metáfora bastante interessante, da ponte e da porta, para desenvolver o argumento dialógico da inclusão e da exclusão, da separação e da ligação. Simbolicamente e corporalmente nós somos, "a cada instante, aqueles que separam o que está ligado e o que ligam o que está separado" (Simmel, 1988, p.162). Ao superar um obstáculo, a ponte simboliza a extensão da nossa esfera volitiva no espaço e este artefato também se constitui de um valor estético. Já a porta ilustra de maneira mais

clara o fato de que separação e ligação são dois aspectos do mesmo ato. A porta “[...] cria uma junção entre o espaço do homem e tudo o que está fora dele, abolindo a separação entre interior e exterior. Como justamente ela pode também se abrir, seu fechamento dá o sentimento de um bloqueio bem mais forte, em relação a todo o espaço” (Simmel, 1988, p. 164). A porta impõe limites. Acolhemos a metáfora da ponte e da porta para refletir sobre a dinâmica dialógica da moda que une e separa ao mesmo tempo, que distingue e assemelha, que exclui e inclui. Aqui reconhecemos a dimensão política da moda que tem a capacidade de colocar em disputa posições nos processos das interações sociais, ora estabelecendo o mecanismo de distinção e de distanciamento, ora favorecendo proximidade e reconhecimento. Defendemos que a aparência, mais do que a classe social, comparece como um vetor antropológico categórico para a discriminação. Tal fato tem mudado pouco a pouco e defendemos que a composição da aparência se constitui como um mecanismo potente para a afirmação de si e ocupação de espaços antes negados a certos corpos. Nesse sentido, a roupa e a moda podem se constituir enquanto armaduras potentes que nos preparam para o enfrentamento das disputas sociais, garantindo uma estratégia não apenas de sobrevivência, mas de uma existência plena, sem receios, sem medos e sem apagamentos.

Encontramos ecoadas essas reflexões também em hooks (1990) e Sodré (2023). No primeiro caso, a autora nos convoca a perceber o potencial político da aparência e da estética, a partir de práticas de resistência. E no segundo, temos que “a aparência, desde a cor da pele até a roupa, é uma categoria que se constrói socialmente e que atribui poder social, conforme os quadros de referência instituídos” (Sodré, 2023, p. 61).

Já Miranda e Domingues (2018) fazem um instigante mapeamento do consumo contemporâneo a partir da noção de consumerismo. Empoderamento feminino, igualdade racial, equidade entre os gêneros e equidade entre as faixas etárias, são algumas das causas abraçadas pelo consumidor que atua como cidadão, exercendo sua capacidade de manifestação e reivindicação atuando para o bem social coletivo. As autoras defendem que o consumidor de moda pode exercer o consumo como ato político e exercício da cidadania, destacando, sobretudo, valores como autodeterminação e filantropia.

Barreto (2024, p. 11), em Modativismo, concentra-se em perceber o papel da moda e da aparência “nos processos de autorreconhecimento e de empoderamento de mulheres negras na contemporaneidade”, valorizando a moda não apenas pela sua

materialidade, mas pelo seu legado imaterial e por sua potência de transformação social. A autora enfatiza a importância da aparência e das vestes como campos em que são mais visíveis os marcadores sociais das diferenças, tais como raça, gênero, geração, entre outros. Por isso mesmo o importante papel das vestes e da composição da aparência na construção de imagens e de autoimagens que contribuam para a formulação de interações sociais, que possam se dissociar de imagens de grupos historicamente impostas como hegemônicas.

Além disso, conforme Campos e Cidreira (2020), a roupa e a moda se descortinam como possibilidade de autoafirmação. A partir das suas articulações, enfatizam a potência da aparência enquanto vetor expressivo, ativista e político. As vestes são consideradas armaduras que protegem e, ao mesmo tempo, preparam e adornam o corpo para a luta na vida social, sobretudo quando esta se faz necessária quase que cotidianamente, uma vez que o corpo que se dá a ver não corresponde necessariamente aos espelhos já estabelecidos e reconhecidos socialmente.

Resistência e Ativismo em Goya Lopes, Katuka Africanidades e Meninos Rei

Quando Hall (2006) discute a questão da identidade em “A Identidade cultural na pós-modernidade”, nos apresenta um cenário em que os quadros de referência nas sociedades modernas entram em abalo, na contramão de uma ancoragem dita estável. Nesse sentido, os indivíduos estariam lidando com uma espécie de “perda de sentido de si” (Hall, 2006, p.9), provocada pela falta de estabilidade das velhas certezas fixas e imutáveis sobre as coisas do mundo. Assim como Hall (2006), Muniz Sodré, em Claros e Escuros, traz reflexões potentes sobre o campo identitário, ao afirmar que nosso país não tem só uma identidade, mas várias identidades, numa “dinâmica múltipla de identificações, evidenciada pela forte heterogeneidade sociocultural da realidade sul-americana” (Sodré, 1999, p.31). Nesse sentido, pensar em identidade requer o reconhecimento de um outro, diferente de nós, de uma alteridade. A identidade não é fixa e acabada, mas está sempre em construção em nós, mesmo que seja imperceptível. A identidade tem uma dimensão de indeterminado, num fluxo livre e aberto (Sodré, 1999). Na prática, a identidade é aquilo de que nos lembramos (Sodré, 1999). E essa lembrança é possível mediada pela linguagem e seus mecanismos simbólicos e “a identificação é fator dinâmico de integração do indivíduo no grupo e de mobilização de suas pulsões, afetos, escolhas” (Sodré, 1999, p.40).

Apesar de ter espaços ainda restritos e reconhecimento tímido nas principais passarelas e eventos de moda no Brasil, muitas marcas de moda afro-brasileira vêm abrindo caminhos para uma geração de novos estilistas e resistindo bravamente às dinâmicas e valores do sistema *mainstream* da moda. Assim, a seguir, apresentamos algumas iniciativas que concebem a constituição da aparência também como luta e resistência.

Figura 1 - Echarpe Quilombo e Alfabeto Infinito



Fontes: Goya Lopes, acesso em 22 maio 2024; Katuka, acesso em 22 maio 2024

Pioneira na construção do design intitulado afro-brasileiro, a artista e designer Goya Lopes, em sua trajetória profissional, sempre buscou estudar, enaltecer e divulgar a cultura afro-brasileira. Na coleção “Nossa Ancestralidade: é a mãe África”, a echarpe Quilombo (Figura 1), retrata o “local de refúgio, aldeia de africanos e afrodescendentes, onde se defendiam, resgatavam a cosmovisão africana e os laços com suas origens. A estampa mostra como era a formação dessas pequenas aldeias, localizadas estrategicamente e cercadas de árvores, rios e montanhas” (Goya Lopes, acesso em 22 maio 2024). Lembrar, por meio dos tecidos, as histórias e culturas de um povo, é garantir a memória e respeitar a ancestralidade. Tal iniciativa vai ao encontro de Sodré (1999), ao afirmar que as narrativas são garantidoras de memória coletiva e “integram a forma social constitutiva de uma identidade coletiva” (Sodré, 1999, p.117).

Outro exemplo é a marca Katuka Africanidades, de Salvador. A coleção “Alfabeto Infinito” toma como inspiração as escritas africanas, cujo sistema engloba 90 mil tipos de escrita. Entendemos que estudar essas referências não é uma demanda apenas do movimento social negro, mas uma necessidade de toda a sociedade. Tal pensamento perpassa o fazer da Katuka ao defender que “para o afro brasileiro, o estético é também um instrumento de empoderamento, de afirmação e ocupação de um espaço político” (Katuka, acesso em 22 maio 2024).

A Figura 2 contempla participações da marca Meninos Rei/Salvador-BA, na São Paulo Fashion Week, em 2022 e 2023.

Figura 2: Meninos Rei



Fonte: SPFW, acesso em 22 maio 2024; @meninosrei, acesso em 22 maio de 2024

A ed. nº 53, “Meu Ori Minha Voz”, constrói uma estética que está “intimamente conectada com ancestralidade e valorização da cultura africana, como nos mantos, as coroas e os penteados” (SPFW, acesso em 22 maio 2024), e demarca o posicionamento da marca quanto à religião de matriz africana, com culto aos orixás. No corpo de um dos modelos, vemos o colar de penca de balangandã, um tipo de joia denominada joias de crioulas, que “[...] Reúnem variados objetos com finalidades simbólicas também distintas, inclusive, a de amuleto” (Lody, 2015, p. 39). A ed. nº 54, “Onde nasce a arte”, retrata o Subúrbio Ferroviário de Salvador, mostrando “a cultura vibrante da periferia que extrapola as vielas, com cor, movimento, ritmo e sabor de um Brasil bahiano, mestiço, diverso e plural” (SPFW, acesso em 22 maio 2024). Por fim, a ed. nº 55, intitulada Pop Ancestral, imprime suas principais lutas e pautas no próprio tecido através de palavras como ancestralidade, axé, resiliência, beleza, poder, força, afro, tribo.

Considerações Finais:

Neste artigo, buscamos refletir sobre a dimensão ativista no universo da moda. A partir de três exemplos de marcas de moda afro-brasileira, podemos perceber como a composição da aparência, roupa e moda são potentes na construção da identidade dos sujeitos. O referencial teórico mobilizado nos ajuda a compreender que a dimensão política da moda tem a capacidade de colocar em disputa posições nos processos das interações sociais, ora estabelecendo distinção e distanciamento, ora favorecendo proximidade e reconhecimento. A aparência, mais do que a classe social, comparece como um vetor antropológico categórico para a discriminação. Tal fato tem mudado pouco a pouco e defendemos que a composição da aparência se constitui como um mecanismo potente para a afirmação de si e ocupação de espaços antes negados a certos corpos.

REFERÊNCIAS:

BARRETO, Carol. **Modativismo: Quando a moda encontra a luta**. São Paulo: Paralela, 2024.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern; Guilherme J. E. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

CAMPOS, Baga de Bagaceira; CIDREIRA, Renata Pitombo. **A dimensão política das vestes de babado e amor: violências e resistências**. In: Revista Gênero, Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero do Programa de estudos Pós-graduados em Política Social - Universidade Federal Fluminense, vol, 2, n 1, 2020.

GOYA LOPES. Site. Disponível em <<https://goyalopes.com.br/products/copia-de-echarpe-ioruba-1>> Acesso em 22 maio 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 11. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, bell. “Escolher a margem como espaço de abertura radical”; “Uma estética da negritude: estranha e opositiva”. Tradução de Camila Matos. In: _____. **Yearning: Race, Gender and Cultures Politics**. Cambridge: South End, 1990.v.1. [Ed. Bras.: Anseios. São Paulo: Elefante, 2019].

KATUKA. Site. Disponível em <<https://katuka.com.br/moda-editoriais/>> Acesso em 22 maio 2024.

LODY, Raul. **Moda e história: as indumentárias das mulheres de fé**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2015.

MENINOS REI. Instagram: @meninosrei. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CuEn4MVO3f_/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng%3D%3D> Acesso em 22 maio 2024.

MIRANDA, Ana Paula; Domingues, Izabela. **Consumo de ativismo**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

SIMMEL, Georg. La mode. In: **La Tragedie de la Culture**. Traduit par Sabine Cornille et Philippe Ivernel. Paris: Edition Rivages, 1988.

_____. **Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. **O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

SPFW. Disponível em <<https://spfw.com.br/desfile/meninos-rei/>>. Acesso em 22 maio 2024.

_____. Disponível em <<https://spfw.com.br/desfile/meninos-rei-2/>>. Acesso em 22 maio 2024.

TARDE, Gabriel de. **Les lois de l’imitation**. Paris: Editions Kimé, 1993.